

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--24 de Outubro--1929

**5 Tc. 10s**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**179**

**Sempre**

**FIX**

**semanário  
humorístico**



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

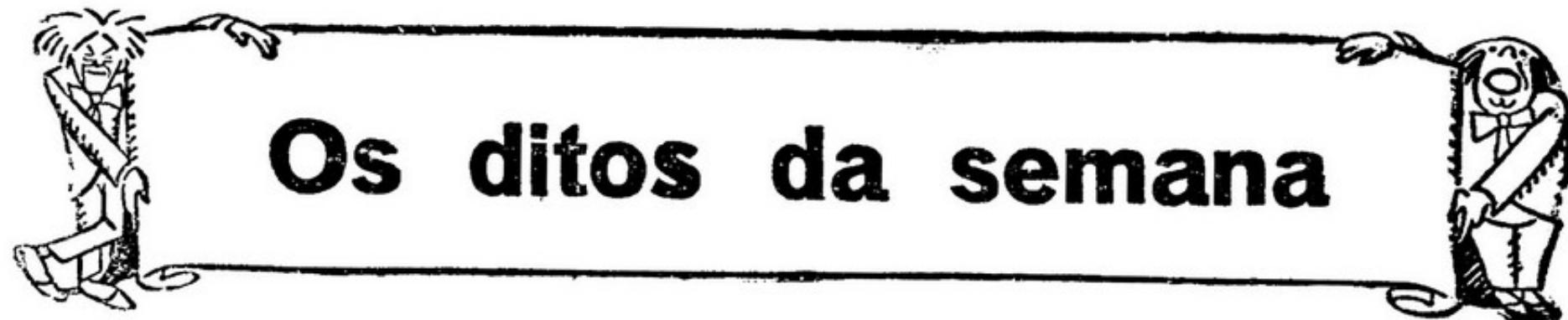
# JORGE V NO ESTORIL?

«Para a convalescença de Jorge V, pensa-se na casa que o importante capitalista sr. Alfredo da Silva tem no Estoril.»

(Do *Diário de Lisboa*).



— «Sire, um charutinho da Tabaqueira? Pode Vossa Magestade fumá-lo sem receio: é um charuto por fóra e um cigarro bréjero por dentro.



## Os ditos da semana

**Apaga e volta-lhos** Enquanto se festeja a descoberta da lampada eléctrica, o comércio apaga as luzes, com o fim de fazer realçar o brilho das iluminações festivas.

Quem sobe à noite as ruas da Baixa e desemboca no Rocío, tem a impressão de que entra no Paraíso. É como um coelho que sae da escravidão da toca e fica deslumbrado com a luz do sol.

E o público tem acorrido em massa a gozar o deslumbrante espetáculo, e o público delira de contentamento porque nunca viu, de graça tanta lampada acesa.

Pode dizer-se que a luz do Rocío sofreu um aumento de 20 por cento, 20 ou mais!

Aquilo é um céu aberto, principalmente porque apenas a luz sofreu esse aumento.

Foi um aumento sem consequências desagradáveis. Em matéria de iluminação é o primeiro aumento que não desgosta ninguém.

E o comércio está concorrendo generosamente para o brilhantismo da comemoração, como na zarzuela apaga e vamo-nos.

**Moageiros** O Intendente Geral da Segurança Pública entendea conveniente segurar mais longe os moageiros, o que, em linguagem corrente, significa segura-los mais curtos.

Pois que vão para onde não façam prejuízo.

Vão aprender, no exílio, quanto custa comer o pão que o diabo amassou, enquanto nós continuaremos a comer o pão que eles amassaram.

Podem eles ir lá comê-lo com lagrimas, que sempre é bem melhor do que aquele que nos dão com azas de barata, sola de sapato de polimento e outros animais sem graduação.

O Sempre Fizer não deseja mal a ninguém, mas se alguém tem de sofrer, que sofra o menor numero. E, por bem dos nossos pecados, que são poucos, o numero de padres ainda é inferior ao dos consumidores.

E é o que nos vale, porque se o negocio não tivesse des-

tes revezes, se não fosse às vezes azedar-se a massa ou queimar-se o pão no forno, já ninguém queria outra vida e, daqui a pouco haveria em Portugal mais moageiros do que gente.

**Avião-foguete** Fritz von Opel inventou o avião foguete, com o qual se propõe visitar os planetas nossos vizinhos. Se não está já na lua ponco lhe falta certamente. Aquilo é só questão de mais dois foguetes e ai vai ele com o rabo a arder.

Realisou já, o nosso bom Fritz von Opel, alguns vôos de experiência com certo sucesso. Começa devagarinho.

Primeiramente um vôo de poucos metros. Depois um vôo de algumas dezenas. A seguir, mais alguns metros, e outros mais e mais outros, até que acaba por alcançar distâncias colossais.

Por enquanto vai a coisa bem, porque Fritz von Opel anda pelas alturas dos primeiros andares, mas temos o palpite que em se chegando lá para os quintos andares o Fritz ha-de vêr-se Fritz de todo.

Seja como for, não ha dúvida de que se trata dum grande invento cuja teoria consiste apenas no seguinte: o foguete a rabiatar (é o termo) para traz e o avião a fugir para deante.

Os criticos riem-se de Fritz, mas Fritz larga-lhes um foguete e põe-se a andar. Mas nós andamos com o palpite de que, se a questão se azeda, tudo aquilo vem a acabar com um foguete de trez estalos. E, depois disso, não chegará Fritz à lua, mas alguém ha-de vêr estrelas ao meio dia.

**Só para homens** Uma casa no Rocío — a «Maison de Blane» — tapou duas montras, deixando-lhes apenas umas aberturas em forma de cosmorama e pôz-lhes estes disticos: numa «só para homens» e na outra «só para senhoras». E o público começou a affuir. A curiosidade impelia toda a gente a meter o nariz no buraco.

E então verificou-se esta coisa singular:

A montra «só para homens» estava cheia de senhoras e a «só para senhoras» repleta de homens.

Todas as outras montras do Rocío estavam desertas, em paz e ás moscas. Não cheirava a pouca vergonha.

E sempre assim. As montras que são para toda a gente não chamam ningum.

## Um az da aviação



— Compro-lhe 3 quadros dou-lhe por cada vinte escudos. Penduro-os na minha sala e digo a toda a gente que me custaram 3 contos cada. Assim o sr. tem o seu nome feito.



— Então casaste com a tua cunhadinha.  
— Compreende. Não desejava mudar de sogra.  
— E' boa senhora.  
— Muito... morreu há vinte anos!

**Cifka Duarte, o D. João da Aviação, que faz coleção de meias de mulher que usa como mascote nos seus vôos...**



# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»

ANTONIO PINHEIRO



COM o curioso título: «A garota que fui e a mulher que volto», publicou um jornal do Rio de Janeiro um a entrevista com a actriz B. G. Depois de ter citado quasi todos os artistas portugueses como sendo grandes valores dentro dos seus *emplos*, diz:

— Eu ainda não sou estrela. É necessário que isso fique bem patente. A minha gentil e distinta colega e emprezaria E. S. é possível que assim me apresente. Mas por enquanto, sou, simplesmente, uma atriz quem tem grande amér a sua profissão e um desejo imenso de chegar a ser alguém. Eu entrei para o teatro com um objectivo e se Deus me ajudar e a simpatia do público me distinguir, espero alcançá-lo.

A simpática B. G. — porque é simpatia uma artista que fazia desta maneira — está obtendo, dizem as críticas, um grande sucesso. Elas grato registram este feito. B. G. disse ainda na interessante palestra que teve com o jornal carioca:

— O que é em que trabalho? Um certo, o que preferi, não? Realmente, o meu feito ateu responde para o teatro francês, isso é, portanto, não impede que eu seja uma fervorosa admiradora do teatro de Hamlet, tanto da encenação Englebert, como do genro intenso. Apesar disso, é sempre prazer um drama de Battaille ou uma comédia de Verneuil, uma tragédia francesa de Saint-Just ou uma peça italiana de Battaglia. Adoro a vida e por isso gosto de todos os géneros de teatro que se representam, embora que uns preferem mais os outros, naturalmente, das duas, as fábulas e as alegorias.

Assim, tornou a artista a própria sua elegante, usada metáfora, que tem uns grandes ellos castanhos, muito expressivos, dentro de um rosto intelectual, vivissimo e com rica estofadura, bonito, abençoado por uma alegria sólida, alegria que é fresca, muito portuguesa. Deixa de lado o triste e desdendo de vaidade. E' assim que o deserto se pinta a proélia folclórica.



Um Pinheiro que é uma alta figura da cena portuguesa

Em São Paulo, considera uma certa visita a um estranho.

Diz a certa noite, fumando no Rio de Janeiro:

— Um estranho, meu amigo. Traballha-se tanto, mas veio só os resultados. Encantador, naturalmente, a companhia de declamação, montava-nos uma peça em 3 actos de seis em seis dias. E' sólida a sociedade artística, e todas as empresas.

Mais uma tradição que se vai e mais uma fome de poesia que desaparece por completo a fundo arame.

— A prima vez norte é o teatro. Na prima vez nova a saber a senhora T. N.

Realmente, o dia prima vez norte que tudo depende. A felicidade está a milímetro duma perna.

O diretor de teatro, que se achava a inaugurar a sua nova empreza.

No capital do Brasil, entrou a ver a empreza C. P. A. das festas solidas, a peça de estreia. Fazendo som e calor, só fôs sete dias, adiante, para o resto do teatro francês. Passaram-se 15 dias e das peças de duas actrizes, D. Paula, só

— e a comédia, fôs das que só se apresentam quando acasalam pelas suas condições, nem mais deixa de promovê-las frequentemente.

Muito bem. Vamos ver se fôs de maledicência fôs não. Fondo, no entanto, numa certa vênia textualmente:

— é uma interessante comédia francesa, polvilhada daquele bom espírito gaulês, mas — diga-se em abono da verdade — sem aquele cunho bregeiro, e ainda bem, que tanto caracteriza o teatro parisiense.

Em que se fica, senhores criticos do norte: é bico ou cabeça? E' fresca ou não?

Temos o galego à espera da resposta...

H. A., o bom Henrique, que regres-

— ACIMA, sobretudo F. de o Chão, de Carnaval. Avóda! E' o que se preocupa nos meios onde esse fôrte interesse.

Vai para o Tremor ou fica ao Chão? E' o que vâmos ver...

ACABARAM os bailes do T. N., os tradicionais bailes que começavam oito dias antes do Carnaval.

Assim reza uma das bases do concurso para a exploração do T. N.:

«Ficam proibidos os bailes de máscaras com carácter público na sala do teatro, podendo para esse efeito utilizar-se, e só para as pessoas que adquirirem bilhetes para os espectáculos de Carnaval, o salão do mesmo teatro.»

que tinham os *emplos* exigidos pela loi?

Como pode um emprezario com outras, portuguesas e tal, e assim se os não há para um ano?

Julgamos impossível haver quem contrata. Assim nos disse, há dias, um conhecido emprezario — talvez o único que podia fazê-lo...

No entanto, há sempre quem desejasse faturar-se e quem acha brincadeira que nos a deixam negros...

TRES companhias de declamação, fundo a frente: três artistas da categoria: A. R. G., A. C. e C. P., não têm Teatro, este inverno, em Lisboa.

Têm de ir para a província.

E' evidentemente para lamentar a situação dos nossos artistas.

Dentro de dias fôr o T. N., o que faz com que outra companhia tenha de ir em tourne.

Esse topo anda, fum fum sonando seis companhias de declamação, mas contando com as pequenas *troupes* organizadas e por organizar, invadindo Portugal...

Achamos declamação a mais para um país tão pequeno...

O nosso Carvalhal, o grande Sutari, vai deslocar-se ao teatro Entra, mas pela porta, não pela comparsa. No Parque Mayer, por onde passava, na proxima revista, a serenata.

Só que apresentaria figurinos, ou leitura, ou ainda figurino...

A prova é este princípio de temporada, temos elas, cada vez, interpretações das peças de estreia, chegando a seis dias de quebra, sem previsão de representação, em média.

E' assim com os nossos artistas, quando vêm a ser contratados para o fundo, que desfazem o seu trabalho.

QUANDO tentam a prater de ver os actores a cada vez, d'espôs essa nova «T. N. Spield», ou seja, «T. N.» ou seja, «A. N.» ou seja, «C. N.»

Só o Metropolitano, Vila, se salva respeitando

O nosso «Teatro da Terra» é, porventura, o que mais aposta no T. N.

— Mas todos os empradores fôrmandos fôrmandos, fôrmandos, fôrmandos. Vila, só a Vila é que é artista. Se fôr com o «Metropolitano» artista, só fôr com o «Metropolitano» artista.

— Aí, aliás, deles da primária, é que é pena. Como se explicar este fôr? Não estão abertos quase todos os teatros? Não vai achar aberto o T. N. ou a sua declamação. Não pagam três empregados, e de fato, a menor fumaria, e é impossível haver artistas da primeira categoria sem trabalho? De duas, uma: est'ha, neste momento, muito mais artistas em es de outras categorias e que estão contratados.

Não se titula ainda o facto nas grandes exigências de ordenados? De uma artista sabemos nós que pediu, há meses, sete contos e quinhentos e veio a contratar-se por três... Não será este caso já sintomático da crise?

Seja como fôr... Os artistas que estão sem trabalho têm de ganhar a sua vida. Como? Passado este mês, é difícil... é difícil encontrar colocação...

Noutros países ha o recurso do cinema. E entre nós? Só mudando de mestre... o que para alguns já não é fácil...

**O Homem das 5 horas**



# Voltaram as andorinhas

Chegaram as andorinhas; não as alegras anunciantoras da primavera, não as que têm todos anos que constroem novas moradas mas aquelas que tem o malho já feito, as que anunciam o outono — os calmos e humedos outonos da minha terra. — Sim, porque eu sou lisboeta da gema, alfaiinha dos quatro costados e, ao invés da maioria dos meus colegas alfaiinhos, amo a minha terra e em toda a roda do ano encontro aspectos que não sempre ineditos, pelo menos sempre belos.

Os outonos de Lisboa! Querem luz mais suave, temperatura mais deliciosa?

Autumnos que são aleias; ocasiões que são apoteoses!

Mas voltamos ao assunto.

Chegaram as andorinhas e que quatinhas que vêm!

Chegaram da costa da estrela, das quinze costas do sol que são Portugal.

Chegaram e vê-se bem que andam com as costas no sol porque as trazem por de cima abrigo este ano. O sol morada existe na madeira. Ha pedras de pedra que têm a madeira apetite das borboletas de chocolate.

Há portos possuem uma tem terradisplacado, forte passadiço que faz soltar a alma a certas que estão a meia-tida este outono de alívio. Elas já eram férias, mas que férias a sua férias!

Não só elas chegam a Lisboa durante o outono, mas depois é só para volta e volta que se vêem os que querem voltar nessas estradas pasturadas, esplanadas e calçadas que se passa, tem o perfume das flores do jardim dos jardins de delícias.

Chegaram as andorinhas, mas sei que já se sabem que as andorinhas e que no outono são as núnias patrões, as salientes lascivas, as chicanas alegres.

Vêm nuas, magrutas, mas agora, quando esperava penas *feuilles de fette*, com a vida sorrugada entre o consolador medo e onde hipocratas de mecenato das necessidades fôrmas e a futura, agora farta com carne, das centenas carcasas de namoro que receberam durante o verão, agora com um mês de repouso, farta com dentes, mandulinas, pôntes, entressolos (no dizer do meu vizinho).

Estas magrutas, estão más que quem?

De manhã bandido de sol na praia, depois um par o almoço (os avares tem pratos ricos e são caríssimos) Mal em si do o horizonte, mudar de vista para o *feuille romantico* (?) por estradas de alí aliado detretado pelo sol a pôr; novo *feuille* a entrar para ir para o tennis, a seguir mais tra a bandido de mar; depois o *feuille* e che dançante — *croquettes* de lango, *sandwiches* de cheddar, *pastéis* de one step — outro passeio romântico (?) por outra estrada metade alastrada e metade deserta; depois a nota mudar de lookie, jantar em *piscina directa* e outro passeio ainda mais romântico (?) por uma vereda zigzagueante sob pinhais ao pôr do sol (o amor das pinhas e uma dona que se apinha ao por do sol); a seguir ainda mais *feuilles* e... casino.

Oh! O casino!

O papá joga às duzias; a mamã joga as cotes e ela, a pobre jovem Lília abandonada... joga aos namoros em pleno (se pega um, são trinta e cinco parados, mas o pior é que, em geral, sai o zero).

Depois do casino e, de caminho para casa, o amor-mosquito de ferro acerado, mais perigoso que o *snofelix* — pica-a com frases altamente significativas que lhe amolecem a espina. (O mosquito é, geralmente, um mancebo de calças de balão).

Entre tempos, ela dorme agitada em pesadelos desportos-circográfico-amorosos e, no dia seguinte, a mesma coisa.

Não admira, como veem, que elas vengham mais magrutas.

Também as andorinhas da primave-

ra, quando chegam, veem magras, mas, a força de moscas e outros bichinhos, engordam que é mesmo um levar a Deus.

Ora, as andorinhas de outono há de suceder o mesmo. Não porque se dedicam a comer moscas, mas bons bifes que não há nas termas, peixe fresco que não há nas praias, ovos e hortaliça que não há no campo.

Lisboa é uma grande terra!

Eu, por princípio, veraneio em Lisboa; por isso estou mais gordo.

Tudo isto devaneava eu depois da passagem da tal que parecia um bicho da Sibéria, quando o meu vizinho, o tal que há de ir para os pequenos bicos, me chamou à vida real.

— Parece uma costela parada!

E assim era. A pele borbulhenta de tanta água salgada e queimada, de tanto sol davam àquela andorinha da outono o aspecto de uma costela parada.

\* \* \*

Chegaram as andorinhas. Pensando unhas que agora é que é certo, que para o inverno aquela rapaz que assobiava tão bem as vira-latas para umas nupens eternas, de centenas outras do mundo (tanto os olhos que, nada) e todas estas esfaldadas, magras, coitapoides mas com vida, só que desfazendo no *roupa*.

Chegaram as andorinhas de outono!

Mas, no contrário das de primavera, construtivas, metódicas, a fadas, fulguras infinitas, transformam a vida, estas chegam estatuidas, desordenadas, resumidas, impatas para tudo o que não seja desporto, dança e frivolidade.

Andorinhas de outono, manitas paixosas, retinas incandescentes exemplo das andorinhas, as verdadeiras, as suaves e fétidas andorinhas da primavera!



## O cão:

— Valha-me o Deus dos cães! Os patrões não venderam a vitela e alem disso veem bebedos como cachos.

## Uma piada

Para o Alentejo, viem das Beiras, no tempo da ceifa, ranhos de trabalhadores (chamados ratinhos) a fim de suprir a falta de braços que no verão se verifica naquela província.

A sua principal refeição é a ceia, quasi sempre constituída por sopa de feijão preto, um baco de toucinho, puré e arrozinhos.

Foi uma destas reféges que reparou, com grande orgulho meu, que um dos trabalhadores — o velho Tobias — soprava o baco de toucinho não com as mãos, como os restantes trabalhadores, mas com com um garfo de chita.

Moscoudeles a minha admiração, disse-lhe:

— Bravo, julgava que apenas sabia fazer colheres. Quem lhe ensinou a fazer os garfos?

— Olá, Sr. António, as colheres miúdas ensinaram a mim a fazer, agora os garfos fizeram eu da minha cabeça.

E mais não disse o velho Tobias.

## ORA SUCEDEU...

Ainda, embora cansada, tivera ainda tempo e deixaria se prender na teia a d'arranjo das rapas ilhas de vento e de sol. O amor não olha a pernas e, por isso, sempre passados sobre a declividade. Anita, aproveitando a ausência da moça, respondeu quase de arranjo ao tal prego que lhe era essa. E o Jorge — assim se chamava o seu amado — agarrou grudado, mal o mundo da diva voltava a espinha, recita-se na casa do desenredado o que é em direitos de espetáculo.

Ora, levava lá sim essa nova moça, uma moça bem a vontade quanto à forma, tendo que ter um texugo. A patrícia tinha uma conduta amarrada.

Ai, mas vezes sucede em todas as histórias vir para casa, mas é certo perder um condeco, não ter bolche na cintura, etc., etc.

E Anita, enquanto o mundo seava a campainha, escondia no quarto do estafismo da cintura o tal Jorge.

\* \* \*

*A criada:* — Eu preciso falar à senhora.

*A patrícia:* — Diz lá... Mas agora respondo que estás muito mais gorda.

*A criada:* — Unha... Mas é preciso falar-lhe...

*A patrícia:* — Então diz lá o que queres.

*A criada:* — É que eu, salvo o desvio respeito pela tua tua senhora, tento a dizer-lhe que...

*A patrícia:* — Desvela-te, mulher! Diz o que é...

*A criada:* — É que eu... É que eu, minha senhora. Vou ser mãe.

*A patrícia:* — Ah! Ah! Com essa idade? Não tens vergonha?

*A criada:* — Eu nem por isso, minha senhora...

*A patrícia:* — Ora está! Quem havia de dizer! E quem é o pai?

*A criada:* — O pai é... O pai é... o sr. Jorge.

*A patrícia:* — Jorge??

*A criada:* — Sim, minha senhora.

*A patrícia:* — Sua desvergonhada! Vá ja arranjar as suas coisas... Para o céu da qual...

*A criada:* — Então a senhora despede-me?!

*A patrícia:* — Sim, senhora. Olho da tua!

*A criada:* — Não! Não! minha senhora. A senhora até me vai aumentar o ordenado...

*A patrícia:* — Eu?!

*A criada:* — Sim, senhora. A senhora é que me arranjou esta situação, escondendo o sr. Jorge.

*A patrícia:* — E depois...

*A criada:* — A senhora não pode despedir-me porque isto foi um acidente de trabalho!

Tableau!



— É verdadeiramente lindo o seu labio inferior!

— Perdão cavalheiro, os meus labios são todos superiores.

Quer a sorte grande? Tabilhe-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

# Elevador da Glória A lampada eléctrica e o bico de gaz

O carro eléctrico seguia apinhado em direcção à Gomes Freire que, como todos sabem muito bem sabem, é um sítio onde mora toda a gente que tem quartos para alugar.

Dizem os mordilhões que é nesses carros que melhores conquistas se fazem e, por isso mesmo, os conquistadores profissionais, os *D. Inácios* alhures, têm a preferência pelos eléctricos.

Porto, vistes imos dizendo, o carro seguia a curva em direcção ao Conde de Redondo.

Nunca houve, numa senhora nova, bonita, regularmente pintada. A seu lado, escondido a ela, como se fizesse parte do seu corpo, um sujeito novo, bem posto, que espevitava de quando em quando os dedos para mostrar uns anéis de brilhantes.

O carro ia abrindo de galgar a Avenida quando uma vez mais, com certa alegria da coelheta de Santo Amaro pelas arrelhas que lhe causa esse corrente falou:

O carro como é de ver, fêz as escusas.

Muitos passados, ouviram-se o ruído produzido por uma bofetada. Como a luz voltasse, os passageiros olharam todos para o lado de onde partira o som da formidável bofetada.

Então, o tal cavaleiro que na cabidinha a senhora e que por isso apelava como formidável bofetada levantou-se encorajado e disse:

— Para a outra vez levas malas, fará mais fôrmas a sair de casa sem minha ordem! Obrigado!

E apousou no carro o maledícolo

## AS PÚLGAS

— A simplicidade é o encantamento do vestuário feminino, segundo um médico americano, este é o sorriso para o desaparecimento das púlgas.

(Das juntas).

Algém que sabe da pôda  
E um grande sôr se pôza  
Nós diz que as suas da noita,  
Por trê contas e semi roda,  
Foram a morte da pulga.

Tu, Sôr, e Olímpio tento,  
Que as pôs duas primitivas,  
Tumbas dadas a cada ento  
Una magra d'entro,  
De malha as suas pernas.

Este as púlgas extrêmam  
São devar nem uma só  
E a levanta arruma  
Pra sempre bem se manha  
Beda e levanta a pôza.

— *Quem é que*  
Responde se salvo o ento  
Que as pôlgas vao a abor;  
Pois eu, infuso frumento,  
De sair sem remento.

Que o salvo, se a calha.

João Fernandes.

**ATUM EM AZEITE?**  
**Só TENORIO...**

MARCA REGISTADA

Quereis dinheiro?

Jogai no

*Gama*

Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes!

A lampada eléctrica tem também agora a sua festa cinco intensa. Nasceu-me justo. A ruidosa e ardilhante sucessora do *bico de gaz* incendeia muito mais, mas isso não impede que, neste momento, recordeis este bico-misto. Da investigação em investigação fui sempre um bico de gaz que viveu par desmeus, no mesmo tempo com um candeeiro de electricidade e um do antigo e arqueólogo abico. Ali, frente a frente, no seio da veluta Afama, degladiavam-se os dois monstros deusos que reproduziam integralmente. E um curioso diálogo:

*Bico de gaz* — Tu, minha amiga, viste noutro dia a supremacia na dimensão pública e particular.

*Lampada eléctrica* — A tua que passa é do sexo feminino. Deves estás nos, os portugueses, tu tu. E a tu ser a casa do Brasil, que é história, tudo e mesquinhos e irritante. As frases que a fala a tiora são empregadas demolidoras a acto inofensivo do bico. Vê tu lá! Uma desconfidada, uma implicação exprime-se assim: «Tu és de obra». Um homem de certas vidas variadas acusado de jogar — como um peu de deux becos. A pessoa que habitualmente desvenda os assuntos está evidentemente a tirar o bico do prego. Do malicioso e arbitero se diz «não agiu no bico».

*Bico de gaz* — Como competição, tu veste revelar coisas a que sei sempre discretamente assisti. As ameaças, os ameaçados, nos bicos dos pardões, eram proferidos pela máfia bico fraca em defesa. Agora a situação mudou. Os ameaçados contam a fazer o que lhes apetece. E tu bico sem choro apesar os crassos e sem cortesias a ver tu bico que se fazem. E tu que se chama a amér as claras. E tu pobre bico de gaz, numas das desordens, endeva muitas vezes mas desse bico que chega a romper as tramas e, com o susto, faz assassínio!

*Lampada eléctrica* — Sóis por isso

que se conseguem a lembrar amanhã, as que no princípio da tua vida se claramente escausas?

*Bico de gaz* — Não te regoresses, agasalha que chegou o meu fim. Também tens culpas no cartorio. Pelos menos, a tua mãe tem uma linda crônica, já eletrificada. Tu não te lembras da metade. Elecrifica e das pétas elecrifica! Os teus heróis costumam fugir, a noite e as tuas histórias são uma pálida electrica. A pálida tua proximidade, não te honra nada. No churrasquinho e no «Ferro de Engomar» não se fala de ser agradável ouvir os comentários exaltarem furiosos: «Arre que esta sopra está salgada como uma pálida! E o que dizes tu aos polintras e intruções que andam por aí, tuas «pálidas»?

*Lampada eléctrica* — Não estejais a desconfiar, tu não tens a badia com o que fizem os meus parentes. Respondei só pelas minhas a ti. Vê tu, no «Café Nicola», se não me puseram lá por todos os cantos.

*Bico de gaz* — E por isso que o Bocage parou mais a Março. Cavaras-dossi da *Tocada* do poeta bêbado das boas pradas!

*Lampada eléctrica* — Isso que o puseram no pe do seculo, tinha de ser um homem da seu tempo.

*Bico de gaz* — Bem. O melhor é achar com discussões. Temos toda a vantagem em alinhamentos. Casar é que em caso alguma. Viveremos insatisfeitos, *sociabilmente*. Eu por definição dou-te lampada eléctrica, a primazia; quando tu escreveres em sequência de dar a lug, a Natureza fará o mágico feio por mim em hipótese. Tu apagueste o teu substituto.

*Lampada eléctrica* — Sim, sim! Eu melhor fizer assim. Tu vais ales tuas.

*Bico de gaz* — Não fagam mal. Não continuem porque a lampada é só pra falar. Estava fundida.

Edison Junior

## O engenheiro José Carlos Santos



O homem que inundou Lisboa de «reclames» luminosos



Hoje, dum calorzinho anacronizado inverno, a temperatura desceu-se a obedecer às tradições outonais, fazendo descer o termômetro para o primeiro andar, e convidando os cincos filhos a procurar o conforto dos *fumoirs* e da *chamapgne* nos salões cinematográficos. Unas chuvinhas a propósito canalizaram para a penumbra dos cinemas os últimos frequentadores recalcitrantes, outros, treinados das décadas finalmente tocar a sério a nova temporada, formando o grande rebolado de que as empresas arrebataram as finanças necessárias a sua saúde física e moral. E o barômetro, depois dum belo potez fixo e dumas variações no variável, desceu com o termômetro, assimilando uma ventura que se projectou na tela do Odéon.

O Teatro soprava na Rua das Flores em muito boa hora. A corrente de ar originou uma corrente de público e os críticos dissorreram maravilhas — *currente calma*.

O J. B. G. testou-se em *paroxismos* literários; o sr. A. R., que só ter um estornazo difícil, gastou tanto que ate lhe chamou *fresco*. Puderal! Não haverá o vento de ser fresco!

E sólido que as cenas estiveram feias o Odéon, na primeira da *Tenta*, para a sua comédia. Mas o *Aventura* estava bento pelo sr. Monteiro Pinto a acabar por demonstrar plenamente que *a horta é bom batidor*.

A verdade é que o cinema atracou os criticos, dos que mordem a banderla para *Bruxaria*, desliza a noite pontas para uma espécie em chão, com as placarduras a sumir. Mas não há censuras que arranquem uma borda das unhas dos espectadores, por mais *pato-pato* ou *olerinho* que se seja das cinturas, farras e os proprios os sex-explosivos.

O *Bruxo das Maldições* que pregou um grande S. S. das maldições do Harry L. Price, quando o viu em óculos amarelos e botas de tartaruga. E o *Pabot* está com uma febre que o leva a sorrir-se.

No *Tentado*, o *Tentado* de Mário, um anel de fada. Pe. Nostro, saiu da sala a falar a todos, e entre os adoradores que descontam da sua *força*. «As legendas de Pádua, grande Av. São da...» — era produzido da Pádua, grande. E essa para dizer, como o outro dia o *Barre Cantando com o cantando*.

O São Luis, apesar de santo, apressou-se a Gosto temporaneamente, mas que devia ter arrancado farras a muitos por cinquenta e seis, com grande grito, e das cinturas mordidas e arrancadas. A empresa de São Luis só ali podia o bicho e a vila de dizer, que é como quem diz a aldrabaria a preparar a vinda de papa. Se ele estivesse entre os fãs da quinta da Boa Vista, *Leopoldina*, arrancava-se-lhe que o santo se sente cada vez que São Luis, que passava a São São Luis, *maravilhoso*.

E os dias variados não esfriaram mais da la estreita ontem. O *Tentado do Pescador*, amanhã o *Ondas das sete pontas* e ainda talvez extra os *sete pontas* desse São Luis que só sente, mas sente, como um pêlo.

O Observador vê as visitas do *palhaço* criado do Loui Chaney no famoso *Mister Wu*, ali já venu. Mas o mestre salva com o *Mister* os mestres das *prestidigitato*.

O Dominguinho descreveu a metade contumaz, mas inventou o cinema que os espectadores conseguem de mais drugged e acabam quando as carroças já vão a caminho da Praça da Figueira. E o que faz a *requebra do amar* ao *Grande Espectáculo*?

Retardador

## O primeiro filme sonoro em Lisboa

Ante-ontem, fez-se num cinema elegante perto do Chiado a passagem algumas cenas dum filme que está sendo dirigido por um conhecido e consagrado cineasta.

Como entrou na sala um velho actor e empresario que não passou sem fazer reparos a varias passagens da fita — o consagrado suspendeu a passagem ai pela altura de 30 metros.

Foi uma verdadeira fita falada.



O que se diz e o que se não deve dizer

# Impõe-se a afixação de taboletas desportivas

Nos campos franceses de *football* têm sido ultimamente afixados *plaques* com os dizeres seguintes:

**O DESPORTO É UM JOGO**

*Para honra do desporto*  
*respeitá-las é regras do jogo*

**O Jogo DEVE MATE O Jogo E...**  
**PODE MATAR UM HOMEM**

*Respeitá-las é respeito*

*Eles julgam que erram,*

*Eles julgam que erram,*

*Eles julgam que erram,*

*Respeitá-las é respeito*

*Nada de gritos!*

*Para os árbitros!*

*Os árbitros falam sempre,*

*Os juízes discutem,*

**O VERDADEIRO DESPORTISTA**

**OLHA, JULGA E CALA-SE**

\* \* \*

Propõe-se uma ameaça destes *plaques* — a ameaça de que a *polícia* fará o que?

**O DESPORTO É UM MODO DE VIDA**

*Respeitá-las é respeito do desporto,*  
*para que se não diga que é uma*  
*cida desregrada.*

**O Jogo DEVE MATE O Jogo MAS...**  
**PODE SUSTENTAR UM HOMEM**

*Insultai os árbitros!*

*Eles julgam que erram,*

*Eles julgam que a gente não é,*

*Insultai os parceiros!*

*Mas nada de sangue!*

*Para quê...*

*Insultai os juízes silenciosamente,*

*Outra vez a pedra é as escadadas,*

**O VERDADEIRO DESPORTISTA**

**JOGA, BEBE E... CALA-SE**

O Salão de Paris terminou este ano a sua exposição de *carrosséis*.

Parceiro que o grande problema já

foi o de melhorar os engenhos me-

canicos. Surge outro maior: — o de proporcionar aos que existem superfícies lisas e livres onde eles possam circular.

Por conseguinte, o que há a fazer é um salão das ruas e das estradas.

\* \* \*

Em Bruxelas, os *chauffeurs* também responsáveis de desastres são obrigados a passar pelas ruas da cidade, na companhia dum soldado de batalha

esta calada. E para tornar o passeio mais original, penduram-lhe no peito e nas costas duas taboletas com uma palavra que querer dizer, pouco mais ou menos: — *Atleta*.

\* \* \*

No último concurso de tiro de Lisboa havia uma prova Inter-clubes.

No primeiro dia da disputa, colocou-se a frente da classificação o *Sporting*, seguido do *Internacional*.

Nada para lhe dever alterar essa situação de coisas. Ele sem dúvida suspeita, mas só pode dizer, a *equipe* do *Cacador*, é só.

Competiu, contudo, talvez por razões de familiaridade, o capitão da esquadra do *Aeronauta*.

Os outros ficaram, é, assombrados que nem sequer se sentiam de abusar que aquelas adversárias estavam profissionais.

\* \* \*

Com o fim de anular a nota para o Campeonato de *football* de Lisboa de 1929-30, E. e eu devemos, evidentemente, com resultados assim, desfazer.

Em especial, a direção do *Benfica*, e destas ordens que até fazem passar desgraças.

Os criticos explicam os desprazos com a clínica. Resumindo a Dous, para que não chega mal. Portanto se não puder o campeão vir a ser ganho pelo *Chelas*.

## Fado do cartão

**da revista "Quem é que te disse que era... palerma"**

Não há ninguém que se sponha  
Qual o motivo, a razão  
Da grande poten verba alfa  
De nos mo darem acto.

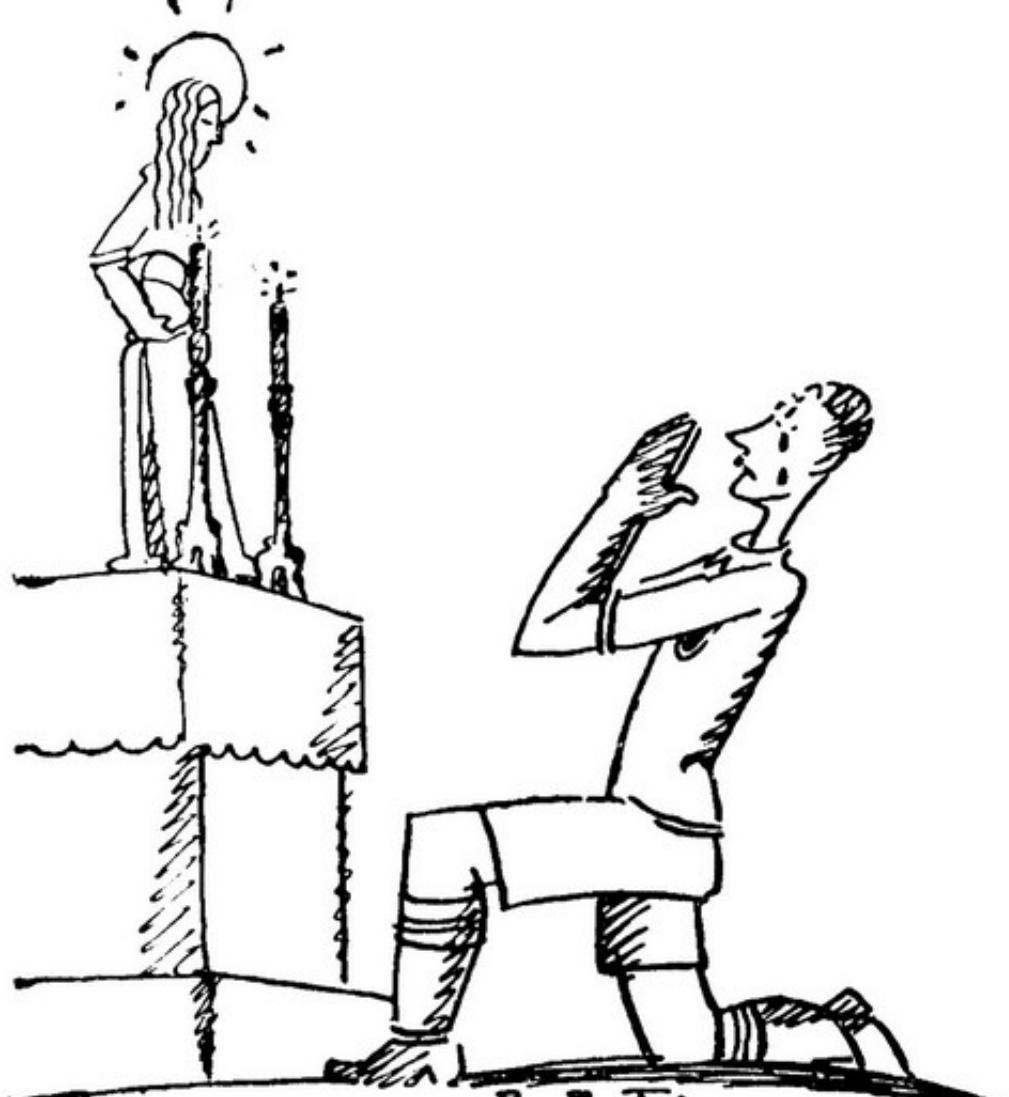
Na vida dum jornalista  
Ha sempre um homem que passa,  
O Barão passou o visto  
E o jardim entrou de graça.

O Fado joga o Barão,  
Que é um pedre mos a morta,  
Mas ate vir o cartão  
Nunca mais le fará a porta.

O cartão que me mandaste  
Guardarei o que é o mundo  
Saber que não o devante  
Em nenhum canto sum fundo.

Zé Maria.

## O Sporting óra, ou óra o Sporting!



Nossa Senhora do Shute me dê dias de chuva e de lama... Amen

## "A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietário previne os seus Exmos amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurante", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruína. Este "restaurante" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também aos domicílios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietário, que espera e agradece uma visita à nova

"PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, B-A (a Almirante Reis)

(este é fabrica de cerveja Portugal) — TELEFON: N. 5582



— Lembras-te da cara de parvo que tinhas quando me pediste em casamento?

— Não era só a cara estava parvo de todo.



— Oh! rapaz! viste por acaso uma nota de cinquenta mil réis em cima da mesa?

— Vi sim, senhor. E estou-lhe muito obrigado.

# ECOS DA SEMANA

